

AMOR POR ANEXINS

Entreato cômico

Esta farsa, entremez, entreato, ou que melhor nome tenha em juízo, o meu primeiro trabalho teatral, foi escrita há mais de sete anos, no Maranhão, para as meninas Riosa, que a representaram em quase todo o Brasil e até em Portugal. Pô-la em música e em boa música, Leocádio Raiol; mas ultimamente representaram-na sem ela, Helena Cavalier e Silva Pereira: desencaminhara-se a partitura. Tem agora nova música, e não inferior, de Carlos Cavalier.

A. A.

P E R S O N A G E N S

ISAÍAS, solteirão

INÊS, viúva

UM CARTEIRO

A cena passa-se no Rio de Janeiro.

Época, atualidade.

ATO ÚNICO

Sala simples, janela à esquerda, portas ao fundo e à direita. Mesa à esquerda com preparos de costura. Num dos cantos da sala uma talha d'água. Cadeiras.

CENA I

[INÊS]

INÊS (*Cose sentada à mesa, e olha para a rua, pela janela.*) — Lá está parado à esquina o homem dos anexins! Não há meio de ver-me livre de semelhante cáustico! Ora, eu, uma viúva, e, de mais a mais com promessa de casamento, havia de aceitar para marido aquele velho! Não vê! E ninguém o tira dali! Isto até dá que falar à vizinhança... (*Desce à boca de cena.*)

Copla

Eu que, por gosto, perdido
Tenho casamentos mil,
Com mais de um belo marido,
Garboso, rico e gentil,
De um velho agora a proposta,
Meu Deus! devia aceitar?
Demais um velho que gosta
De assim tão jarreta andar!
Nada! nada!
Não me agrada!
Quero um marido melhor!
É bem mau não ser casada,
Mas malcasada é pior.

Ainda hoje escreveu-me uma cartinha, a terceira em que me fala de amor, e a segunda em que me pede em casamento. (*Tira uma carta da algibeira.*) Ela aqui está. (*Lê.*) “Minha bela senhora. Estimo que estas duas regras vão encontrá-la no gozo da mais perfeita saúde. Eu vou indo como Deus é servido. Antes assim que amortalhado. Venho pedi-la em casamento pela segunda vez. Ruim é quem em ruim conta se tem, e eu não me tenho nessa conta. Jamais senti por outra o que sinto pela senhora; mas uma vez é a primeira.” (*Declamando.*) Que enfiada de anexins! Pois é o mesmo homem a falar! (*Continua a ler.*) “Tenho uns cobres a render; são poucos, é verdade, mas de hora em

hora Deus melhora, e mais tem Deus para dar do que o diabo para levar. Não devo nada a ninguém, e quem não deve não teme. Tenho boa casa e boa mesa, e onde come um comem dois. Irei saber da resposta hoje mesmo. Todo seu, Isaías.” (*Guardando a carta.*) Está bem aviado, senhor Isaías! Vou às compras; é um excelente meio de me ver livre de vossemecê e de seus anexins. Vou preparar-me. (*Sai pela porta da direita. Pausa.*)

CENA II

[ISAÍAS]

ISAÍAS (*Deita com precaução a cabeça pela porta do fundo.*) — Porta aberta, o justo peca. (*Avançando na ponta dos pés.*) A ocasião faz o ladrão. Preciso estudar o gênio desta mulher: antes que cases, olha o que fazes. Dois gênios iguais não fazem liga; se a pequena não me sai ao pintar, para cá vem de carrinho. É preciso olhar para o futuro: quem para adiante não olha atrás fica; quem cospe para o ar cai-lhe na cara, e quem boa cama faz nela se deita. Resolvi casar-me, mas bem sei que casar não é casaca. Alguém dirá que resolvi um pouco tarde, porém, mais vale tarde que nunca. Deus ajuda a quem madruga, é verdade; mas nem por muito madrugar se amanhece mais cedo. Procurei uma mulher como quem procura ouro. Infeliz até ali! Vi-as a dar com um pau: bonitas, que era um louvar a Deus de gatinhas; mas... nem tudo o que luz é ouro; feias também que era um deus-nos-acuda; mas muitas vezes donde não se espera, daí é que vem. Quem porfia mata caça dizia com meus botões, e não foi nada, que enquanto o diabo esfrega um olho, cá a dona encheu-me... o olho. Pois olhem que não me passou camarão pela malha... Esta é viúva e costureira... Estou pelo beicinho, e creio que estou servido. Quem já deu não tem para dar, é certo; mas, ora, adeus! quem muito quer muito perde. Já tomei informações a seu respeito: foram as melhores possíveis; mas como o saber não ocupa lugar, e mais vale um tolo no seu que um avisado no alheio, observei-a. Eu sou como São Tomé: ver para crer. Vi-a andar sempre sozinha... e nada de pândegas! Dize-me com quem andas, dir-te-ei as manhas que tens. (*Examinando a casa.*) Boa dona-de-casa parece ser! Asseio e simplicidade. Pelo dedo se conhece o gigante. Há de ser o que Deus quiser: o casamento e a mortalha no céu se talham. (*Reparando.*) Ai, que ela aí vem! (*Perfilando-se.*) Coragem, Isaías! Lembra-te de que um homem... (*Atrapalhando-se.*) é um gato e um bicho é um homem! Disse asneira.

CENA III

ISAÍAS e INÊS

INÊS (*Vem pronta para sair, ao ver Isaías assusta-se e quer fugir.*) — Ai!

ISAÍAS (*Embargando-lhe a passagem.*) — Ninguém deve correr sem ver de quê.

INÊS — Que quer o senhor aqui?

ISAÍAS — Vim em pessoa saber da resposta de minha carta: quem quer vai e quem não quer manda; quem nunca arriscou nunca perdeu nem ganhou; cautela e caldo de galinha...

INÊS (*Interrompendo-o.*) — Não tenho resposta alguma que dar! Saia, senhor!

ISAÍAS — Não há carta sem resposta...

INÊS (*Correndo à talha e trazendo um púcaro cheio d'água.*) — Saia, quando não...

ISAÍAS (*Impassível.*) — Se me molhar, mais tempo passarei a seu lado; não hei de sair molhado à rua. Eh! eh! Foi buscar lã e saiu tosquiada!...

INÊS — Eu grito!

ISAÍAS — Não faça tal! Não seja tola, que quem o é para si, pede a Deus que o mate e ao diabo que o carregue! Não exponha a sua boa reputação! Veja que sou um rapaz; a um rapaz nada fica mal...

INÊS — O senhor, um rapaz?! O senhor é um velho muito idiota e muito impertinente!

ISAÍAS — O diabo não é tão feio como se pinta...

INÊS — É feio, é!...

ISAÍAS — Quem o feio ama bonito lhe parece.

INÊS — Amá-lo, eu?!... Nunca!...

ISAÍAS — Ninguém diga: desta água não beberei...

INÊS — É abominável! Irra!

ISAÍAS — Água mole em pedra dura, tanto dá...

INÊS — Repugnante!

ISAÍAS — Quem espera sempre alcança.

INÊS — Desengane-se!

ISAÍAS — O futuro a Deus pertence!

INÊS — Há alguém que me estima deveras...

ISAÍAS — Esse alguém (*Naturalmente.*) sou eu.

INÊS — Era o que faltava! (*Suspirando.*) Esse alguém...

ISAÍAS — Quem conta um conto acrescenta um ponto...

INÊS — Esse alguém é um moço tão bonito... de tão boas qualidades...

ISAÍAS — Quem elogia a noiva...

INÊS — O senhor forma com ele um verdadeiro contraste.

ISAÍAS — Quem desdenha quer comprar...

INÊS — Comprar! Um homem tão feio!...

ISAÍAS — Feio no corpo, bonito na alma.

INÊS (*Sentando-se.*) Deus me livre de semelhante marido!

ISAÍAS — Presunção e água benta cada qual toma a que quer... (*Senta-se também.*)

INÊS (*Erguendo-se.*) — Ah, o senhor senta-se? Dispõe-se a ficar! Meu Deus, isto foi um mal que me entrou pela porta!

ISAÍAS (*Sempre impassível.*) — Há males que vêm para bem.

INÊS — Temo-la travada.

ISAÍAS — Venha sentar-se a meu lado. (*Vendo que Inês senta-se longe dele.*) Se não quiser, vou eu... (*Dispõe-se a aproximar a cadeira.*)

INÊS — Pois sim! Não se incomode! (*Faz-lhe a vontade.*) Não há remédio!

ISAÍAS (*Chegando mais a cadeira.*) — O que não tem remédio, remediado está.

INÊS (*Afastando a sua.*) — O que mais deseja?

ISAÍAS — Diga-me cá: o seu noivo?... (*Faz-lhe uma cara.*)

INÊS — Não entendo.

ISAÍAS — Para bom entendedor meia palavra basta...

INÊS — Mas o senhor nem meia palavra disse!

ISAÍAS — Pergunto se... fala francês...

INÊS — Como?

ISAÍAS — Ora, bolas! Quem é surdo não conversa!

INÊS — Mas a que vem essa pergunta?

ISAÍAS (*Naturalmente.*) — Quem pergunta quer saber.

INÊS — Ora!

ISAÍAS (*Sentencioso.*) — Dois sacos vazios não se podem ter de pé.

INÊS — Essa teoria parece-se muito com o senhor.

ISAÍAS — Por quê?

INÊS — Porque já caducou também.

ISAÍAS (*Formalizado.*) — Então eu já caduquei, menina? Isso é mentira.

INÊS — É verdade.

ISAÍAS — Não é.

INÊS — É.

ISAÍAS — Pois se é, nem todas as verdades se dizem. (*Ergue-se e passeia.*)

INÊS — Ah! o senhor zanga-se? É porque quer; não me viesse dizer tolices! (*Ergue-se.*)

ISAÍAS (*Interrompendo o seu passeio, solenemente.*) — Na casa em que não há pão, todos ralham, ninguém tem razão.

INÊS — Ora! somos ainda muito moços!

ISAÍAS — Quem? nós?

INÊS — (*De mau humor.*) — Não falo do senhor: falo dele...

ISAÍAS — Ah! fala dele...

INÊS — Havemos de trabalhar um para o outro...

ISAÍAS — É bom, é: Deus ajuda a quem trabalha.

Canto

INÊS — Sem desgosto viveremos,
Seremos ricos, talvez;
Muitos morgados teremos...

ISAÍAS — Mas um só de cada vez...

(*Zangado.*) A faceira

Talvez convidar-me queira
Para padrinho de algum!

INÊS — E não suponha que, apesar de pobre, não me faça bonitos presentes o meu noivo.

ISAÍAS — É! Quem cabras não tem e cabritos...

INÊS — Insulta-o?

ISAÍAS — Cão danado, todos a ele! Pois eu havia de insultá-lo, senhora?

INÊS — Se estivesse calado...

ISAÍAS — Sim, senhora: em boca fechada não entram mosquitos... mas é que o seu futurozinho me interessa...

INÊS — Muito obrigada. (*Senta-se.*)

ISAÍAS — Não há de quê. Se bem que eu não seja nenhum Matusalém, estou no caso de lhe dar conselhos. Ouça-me: quem me avisa meu amigo é; quem à boa árvore se chega boa sombra o cobre.

INÊS — Mesmo por já estar no caso de me dar conselhos, é que o não quero para marido.

ISAÍAS — Se eu fosse jovem, não me havia de aceitar, por estar no caso de os receber. Preso por ter cão e preso por não ter!...

INÊS — Não desejo enviuar de novo...

ISAÍAS — Vaso ruim não quebra...

INÊS — Desengane-se, senhor: não são os seus ditados que me hão de fazer mudar de resolução! (*Passeia.*) Oh!

ISAÍAS — (*Acompanhando-a.*) — Talvez façam, talvez!... Devagar se vai ao longe... muito tolo é quem se cansa... (*Inês volta-se, param defronte um do outro.*) Menina, antes só do que mal acompanhado... Olhe que o pior cego é aquele que não quer ver...

INÊS (*À parte.*) — Vou pregar-lhe uma peta. (*Alto.*) Mas se me faltasse este noivo, outros rapazes há que me têm feito pé-de-alferes.

ISAÍAS — Águas passadas não movem moinhos!

INÊS — E entre eles...

ISAÍAS — O passado, passado!

INÊS — Não me interrompa!... E entre eles há um ricaço que em outro tempo...

ISAÍAS — O tempo que vai não volta!

INÊS — Não me interrompa, já disse! E entre eles há um ricaço que noutra tempo se esqueceu da promessa...

ISAÍAS — O prometido é devido!

INÊS — Ai, mau!... se esqueceu da promessa que me havia feito; mas que está outra vez pelo beicinho...

ISAÍAS — Cesteiro que faz um cesto, faz um cento... (*Movimento de Inês. Com força.*) Se tiver verga e tempo! E quem é esse... ricaço?

INÊS — É segredo.

ISAÍAS — Segredo em boca de mulher é manteiga em nariz... (*A um gesto de Inês.*) de homem! Mas faz bem, faz bem: o segredo é a alma do negócio...

INÊS — O senhor tem na cabeça um moinho de adágios! Passa!...

ISAÍAS — O que abunda não prejudica.

INÊS — Bem! Para maçadas basta. Mude-se!

ISAÍAS — Os incomodados é que se mudam.

INÊS — Mas eu estou em minha casa, senhor!

ISAÍAS — Descobriu mel de pau!

INÊS — Irra! Que homem sem-vergonha!

ISAÍAS (*Examinando cinicamente a costura.*) — Quem não tem vergonha todo o mundo é seu.

INÊS — Se o meu noivo o visse aqui! Ele, que jurou dar cabo do primeiro rival que...

ISAÍAS — Cão que ladra não morde... E eu sou homem!... tenho força... E contra a força não há resistência!...

INÊS (*Irônica.*) — Ora, por quem é, não faça mal ao pobre moço, sim?

ISAÍAS — Faço!... Quem o seu inimigo poupa às mãos lhe morre. Julga que não estou falando sério? Uma coisa é ver e outra...

INÊS (*No mesmo.*) — Ora, não faça tal.

ISAÍAS — Faço! isto tão certo como dois e três serem cinco. São favas contadas. Quem não quiser ser lobo não lhe vista a pele!

INÊS — Mas sabe que ele é valente?

ISAÍAS — Também eu sou! Cá e lá más fadas há! Duro com duro não faz bom muro, e dois bicudos não se beijam!

INÊS — Ponha-se ao fresco, preciso sair; tenho que fazer lá fora.

ISAÍAS — E eu tenho que fazer cá dentro. Um dia bom mete-se em casa. (*Pausa.*) Olhe, senhora, olhe bem para mim, acha-me feio: não acha?

INÊS — Ai, ai, ai!...

ISAÍAS — Eu também acho, e feliz é o doente que se conhece. Mas muitas vezes as aparências enganam e o hábito não faz o monge. Experimente e verá. (*Suplicante.*) Case comigo.

INÊS — Gentes!

ISAÍAS — Ah! se fôssemos casadinhos, outro galo cantaria! Por exemplo: em vez de sair agora à rua, com este sol de matar passarinho, mandava-me a mim, ao seu maridinho...

INÊS (*Arremedando-o.*) — Ao seu maridinho... (*À parte.*) Oh! que idéia! Vou me ver livre dele. (*Alto.*) Então, sem sermos casados, não pode prestar-me um pequeno serviço?

ISAÍAS — Conforme o serviço: ponha os pontos nos ii.

INÊS — Se me fosse comprar três metros de escumilha. Olhe... aqui tem a amostra... No armarinho do Godinho... Sabe onde é?

ISAÍAS — Sei; mas quando não soubesse? Quem tem boca vai a Roma.

INÊS — Está contrariado?

ISAÍAS — O que vai por gosto regala a vida.

INÊS — Tome o dinheiro.

ISAÍAS — Nada... não é preciso... (*Vai saindo e estaca.*) Diabo! não me lembra um ditado a propósito! (*Sai.*)

CENA IV

[INÊS]

INÊS — Estás bem aviado... Quando voltares, hás de achar a porta fechada. Safa! que maçador! Agora, tratemos de sair: são mais que horas. (*Aparece à porta um carteiro.*)

CENA V

INÊS, O CARTEIRO

O CARTEIRO — Boa-tarde, minha senhora.

INÊS — Boa-tarde. O que deseja?

O CARTEIRO — Aqui tem esta carta... é da caixa urbana...

INÊS — Uma carta? (*Recebendo a carta, consigo.*) De quem será? (*Ao carteiro.*) Obrigada.

O CARTEIRO — Não há de quê, minha senhora. Passe muito bem!

INÊS — Adeus. (*O carteiro sai.*)

CENA VI

[INÊS]

INÊS — Ah! a letra é de Filipe. Faz bem em escrever-me o ingrato! Há doze dias que nos não vemos... (*Abre a carta e lê. Jogo de fisionomia.*) “Inês. Peço-te perdão por ter dado causa a que perdesse comigo o teu tempo. Ofereceram-me um casamento vantajoso, e não soube recusar. Ainda uma vez perdão! Falta-me o ânimo para dizer-te mais alguma coisa. Dentro em uma semana estarei casado. Esquece-te de mim — Filipe.” (*Declamando.*) Será possível! Oh! meu Deus! (*Relendo.*) Sim... cá está... é a sua letra... (*Depois de ter ficado pensativa um momento.*) Ora, adeus! Eu também não gostava dele lá essas coisas... Digo mais, antes o Isaías; é mais velho, mais sensato, tem dinheiro a render, e Filipe acaba de me provar que o dinheiro é tudo nestes tempos. Espero aqui o Isaías com o meu “sim” perfeitamente engatilhado! Oh! o dinheiro...

Recitativo

Louro dinheiro, soberano esplêndido,
Força, Direito, Rei dos reis, Razão.
Que ao trono teu auriluzente e fúlgido
Meus pobres hinos proclamar-te vão.

Do teu poder universal, enérgico,
Ninguém se atreve a duvidar! Ninguém!
Rígida mola desta imensa máquina,
Fácil conduto para o eterno bem!

Aos teus acenos, Deus antigo e déspota,
Aos teus acenos, Deus moderno e bom,
Caem virtudes e se exaltam vícios!
Todos te almejam, precioso dom!

Inda hás de ser o derradeiro ídolo,
Inda hás de ser a só religião,
Louro dinheiro, soberano esplêndido,
Força, Direito, Rei dos reis, Razão!...

CENA VII
INÊS, ISAÍAS

ISAÍAS (*Entrando.*) — Quem canta seus males espanta.

INÊS — Já de volta! O senhor foi a correr!

ISAÍAS — Nada! quem corre cansa. Encontrei outro armarinho mais perto.

INÊS (*Tomando a fazenda.*) — Muito obrigada. Quanto custou?

ISAÍAS — Um pau por um olho. Mil e duzentos o metro...

INÊS — Pois olhe: o outro vende mais barato.

ISAÍAS — O barato sai caro, e mais vale um gosto do que quatro vinténs.

INÊS — Regateou?

ISAÍAS — Regatear! Para quê? Mais tem Deus para dar do que o diabo para tomar.

INÊS — Já vejo que é tão pródigo de dinheiro como de anexins!

ISAÍAS — Da pataca do sovina o diabo tem três tostões e dez réis. Poupa d o sim, sovina não. Eu cá sou assim! Nem tanto ao mar nem tanto à terra. Tenho um só defeito: quero casar-me. Cada louco com sua mania.

Canto

Hei sido um gato-sapato;
Preciso do casamento!
O maldito celibato
Não é viver, é tormento.

Quero honesta rapariga
Entre as belas procurar,
Muito embora o mundo diga:
Quem já andou não tem pra andar...

A existência de casado
Talvez venturas me traga,
Se diz verdade o ditado:
Amor com amor se paga.

Se eu for constante e fervente,
Ela tudo isso será;
Se eu amá-la eternamente,
Ela também me amará!

Eu escravo e a esposa escrava,
Viveremos sem desgosto;
Uma mão a outra lava
E ambas lavam o rosto!...

Faço-lhe pela milésima vez o meu pedido. Nem todos os dias há carne gorda. A senhora falou-me em um apaixonado. Por onde andará ele? Eu estou aqui, e mais vale um pássaro na mão do que dois a voar.

INÊS (*À parte.*) — Levemos a coisa com jeito. (*Alto.*) O senhor... (*Com uma idéia.*) Ah!

ISAÍAS — Oh!

INÊS — Já viu representar *As pragas do Capitão*?

ISAÍAS — Não, senhora. De pragas ando eu farto.

INÊS — Era um militar que praguejava muito. A senhora que ele amava deu-lhe a mão de esposa, mas depois de estabelecer-lhe a condição de não praguejar durante meia hora.

ISAÍAS — Falo em alhos, e a senhora responde com bugalhos!

INÊS — Já lá vamos aos alhos: aceito a sua proposta.

ISAÍAS (*Impetuosamente.*) — Aceita?

INÊS — Sim, senhor.

ISAÍAS (*Incrédulo.*) — Qual! Quando a esmola é muita, o pobre desconfia...

INÊS — Mas imponho também a minha condição...

ISAÍAS — Imponha: manda quem pode.

INÊS — Se conseguir levar meia hora sem...

ISAÍAS — Sem praguejar?...

INÊS — Não! Sem dizer um anexim! Se o conseguir, é sua a minha mão.

ISAÍAS — Deveras?

INÊS (*Sentando-se.*) — Deveras.

ISAÍAS — Mas eu posso estar calado?

INÊS — Como assim?! Era o que faltava! Há de falar pelos cotovelos!

ISAÍAS — Isso é um pouco difícil: o costume faz lei...

INÊS — Ai, que escapou-lhe um!

ISAÍAS — Pois o que quer? a continuação do cachimbo...

INÊS — Faz a boca torta, já duas vezes.

ISAÍAS — Nas três o diabo as fez.

INÊS — Ai, ai, ai! Vamos muito mal!

ISAÍAS — Mas não tínhamos ainda entrado em campo... Aqueles foram ditos de propósito. Agora sim! Agora é que são elas!

INÊS — Outro!

ISAÍAS — Protesto! “Agora é que são elas” nunca foi anexim. A César o que é de

César!

INÊS — O senhor vai perder... Olhe: são duas horas. (*Aponta para um relógio que deve estar sobre a mesa.*) Aceita o desafio? (*Pausa.*) Bem. Quem cala consente...

ISAÍAS — Ah! agora é a senhora quem os diz! Virou-se o feitiço contra o feiticeiro...

INÊS — Ai, ai!

ISAÍAS — Foi engano.

INÊS — Dos enganos comem os escrivães. (*Pausa.*) Então? Diga alguma coisa...

ISAÍAS — O que hei de dizer... senão... que gosto muito da senhora... e...

INÊS — Pois diga: vai tantas vezes o cântaro à fonte, que lá fica.

ISAÍAS — Não me provoque, senhora, não me provoque!

INÊS — Cada qual puxa a brasa para sua sardinha...

ISAÍAS (*Agitado.*) — Brasa! sardinha! Oh! que suplício!

INÊS — O que tem o senhor?

ISAÍAS — Nada... não tenho nada... é que esta proibição me incomoda... Este maldito costume... parece que não estou em mim...

INÊS — Sabe o que mais?

ISAÍAS — Vou saber.

INÊS — Diga o que quiser! Abra a torneira dos anexins, ditados, rifões, sentenças, adágios e provérbios... Fale, fale para aí!

ISAÍAS — E a condição?

INÊS — Caducou. (*Dando-lhe a mão.*) Aqui tem: sou sua.

ISAÍAS (*Contente.*) — Minha! (*Em outro tom.*) E os outros?

INÊS — Não existem, nunca existiram!

ISAÍAS — Pois estou acordado? Se estiver dormindo, deixa-me estar: não me acordes.

INÊS — Está bem acordado.

ISAÍAS — Estou?! (*Pulando de contente.*) Então viva Deus! Viva o prazer!... Trá lá lá rá lá! (*Quer abraçá-la.*)

INÊS (*Gritando.*) — Alto lá! Mais amor e menor confiança!

ISAÍAS — E que o rato nunca comeu mel, quando come... (*Outro tom.*) Pode-se dizer este ditadozinho?...

INÊS — Quantos quiser!

ISAÍAS (*Concluindo.*) — ... se lambuza! (*Tomando-lhe as mãos.*) E tu? amas-me, meu bem?

INÊS — Sossegue: o amor virá depois. Seja bom marido e deixe o barco andar!

ISAÍAS — Apoiado. Roma não se fez num dia!

INÊS — E tenha sempre muita fé nos seus anexins.

ISAÍAS — É verdade: O que tem de ser tem muita força. O homem põe... e a mulher dispõe!...

INÊS — Basta! Despeça-se destes senhores, e vá tratar dos papéis...

ISAÍAS — Quem tem boca não manda... cantar. Mas, enfim... *(Ao público.)*

Copla final

Antes que daqui nos vamos,
Inês vos dirá quais são
Os votos que alimentamos
No fundo do coração.

INÊS — Os votos que neste instante
Fazemos nestes confins
(Deita a mão sobre o coração.)
É que nos ameis bastante
Embora por anexins.

AMBOS — Muitas palmas esperamos
De vós:
Metade para o autor, metade para nós.
(Cai o pano.)